



O PROCESSO DE AVALIAÇÃO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Eixo-temático: Profissão docente e formação de professores

Ana Paula Teodoro dos Santos¹
Universidade Federal de Alagoas
[anapaula_uneal@hotmail.com]

Resumo: O presente trabalho intitulado “O processo de avaliação nas aulas de geografia” tem como objetivo geral compreender o processo e os diferentes tipos de avaliação da aprendizagem e seus respectivos instrumentos, particularmente na disciplina de geografia. De forma específica busca-se analisar as concepções avaliativas que regem o âmbito escolar, numa perspectiva histórico-social e entender a importância da função da avaliação no contexto do processo de ensino-aprendizagem. Metodologicamente, elaboramos ampla pesquisa bibliográfica, concomitante a consulta de dados primários. Observamos que a escola é parte do dia a dia do professor, da mesma forma, que o ato de avaliar, pois o professor deve tanto organizar o processo de avaliação (elaboração de instrumentos, verificação de seus resultados, aplicação de novos testes quando necessário, etc.), quanto manter adequados registros de todo processo e resultados, situação que têm demandado cada vez mais atenção do parte do educador. Dessa forma, na disciplina de Geografia, surgem determinados questionamentos: o que é avaliado em Geografia? Que saberes/conteúdos são exigidos nas avaliações de Geografia? O que explica a escolha dos instrumentos e dos conteúdos que se avaliam? Ao investigar o processo de avaliação nas aulas de geografia a partir da experiência dos educadores é possível acompanhar o desempenho da prática docente e a eficácia do processo ensino-aprendizagem dos educandos.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem. Geografia. Processo.

1 – INTRODUÇÃO

¹ Docente da disciplina Planejamento Educacional e Avaliação da Aprendizagem, do Curso de Especialização em Ensino de Geografia, da Universidade Federal de Alagoas.



A escola é parte do dia a dia do professor, da mesma forma, que o ato de avaliar, pois o professor deve tanto organizar o processo de avaliação (elaboração de instrumentos, verificação de seus resultados, aplicação de novos testes quando necessário, etc.), quanto manter adequados registros de todo processo e resultados, situação que têm demandado cada vez mais atenção do parte do educador.

Particularmente, na disciplina de Geografia, surgem determinados questionamentos:

- ✓ O que é avaliado em Geografia?
- ✓ Que saberes/conteúdos são exigidos nas avaliações de Geografia?
- ✓ O que explica a escolha dos instrumentos e dos conteúdos que se avaliam?

Assim, este trabalho é o resultado da ideia de que ao investigar o processo de avaliação em Geografia a partir da experiência dos educadores é possível acompanhar as práticas docentes e a eficácia do processo ensino-aprendizagem dos educandos.

Com o objetivo de compreender o processo e os diferentes tipos de avaliação da aprendizagem e seus respectivos instrumentos, particularmente na disciplina de geografia, metodologicamente, elaboramos ampla pesquisa bibliográfica, concomitante a consulta de dados primários

A pesquisa se norteia pelas concepções teóricas de “avaliação” discutidas por autores como Luckesi (1997), Bolt (2011), Freire (1996) e Holffmann (1993), em que se identifica os diferentes tipos de avaliação da aprendizagem e seus respectivos instrumentos, buscando correlaciona-las ao ensino de Geografia.

2 - DESENVOLVIMENTO

A avaliação é primordial para a consecução do processo de ensino aprendizagem, pois serve para muitos fins, dentre eles, verificar se os resultados foram alcançados; trocar experiências com o intuito de evitar que outros cometam os mesmos erros; propiciar um replanejamento de acordo com a realidade; analisar se houve progresso, considerando os objetivos.



O conceito de avaliação remete a diferentes metodologias, contextos e concepções, discutida por uma vasta literatura, se tornando objeto de estudo de autores como Bolt (2011), Luckesi (1997), Freire (1996) e Holffmann (1993).

A apreensão das diversas concepções de avaliação poderão responder a instigante inquietação: Como ocorre a avaliação no meio educativo?

Figura 1: Avaliação educacional



Fonte: www.rioeduca.net

De tal modo, de forma geral, apesar de existirem muitas correntes e nomenclaturas para identificar as práticas avaliativas na escola, pode-se dizer que a literatura aponta três grandes tendências: classificatória, diagnóstica e emancipatória.

Por sua vez, a Avaliação Classificatória é considerada uma herança do ensino tradicional em que a metodologia de ensino é centrada na reprodução de uma técnica/conteúdo e na aquisição de habilidades, de modo que há ênfase no ‘fazer’ ditado pelo professor e não no conhecimento construído pelos estudantes. Essa avaliação é realizada apenas no final do processo de aprendizagem, a fim de medir seu produto final. Atuando



como instrumento de coleta de “nota”, Luckesi (2000) classifica os alunos como “bom”, “médio” ou “inferior” sem considerar um processo de reflexão autônoma.

No entanto, a partir do momento em que o educador sai do foco da mera transmissão de conteúdos e avança em estratégias que promovam a aquisição de conhecimentos de forma que, paulatinamente, os educandos desenvolvam mecanismos para busca e reflexão sobre informações e se mostrem capazes de atribuir a estas significados diversos, a avaliação passa a ter outros objetivos, como caráter de diagnóstico.

Segundo Penna Firme (1994), Avaliações Diagnósticas são conduzidas com o propósito de identificar as fraquezas e as potencialidades dos estudantes, com o intuito de informar futuras estratégias ao professor e ao aluno. Assim, o referido conceito está abalizado na concepção de que, para o educador, a atenção ao desempenho do aluno é elemento primordial à prática pedagógica; ou seja, cabe ao professor desenvolver estratégias que lhe permitam conhecer os erros e acertos do educando a fim de promover o seu objetivo cognitivo.

Portanto, os dados adquiridos numa abordagem classificatória não possibilitam a superação diante do conhecimento (ato de reconstrução de saberes), mas são mecanismo de diagnóstico da situação e ponto de partida para o avanço e o crescimento, não a “estagnação disciplinadora” (LUCKESI, 2000).

Já a Avaliação Emancipatória protende promover os sujeitos, a libertação dos modelos classificatórios e de estagnação social, proporcionando seu crescimento. Portanto, não pode ser o momento final da aprendizagem, mas, sim, parte deste processo, de modo que haja a percepção, a crítica e a prática dos agentes envolvidos (educando e educador).

Prontamente, o compromisso primordial desta avaliação é o de fazer com que as pessoas direta ou indiretamente envolvidas em uma ação educacional escrevam a sua “própria história” e gerem suas próprias alternativas de ação (SAUL, 1995).

Atualmente, vem sendo desenvolvidas novas concepções de avaliação. Dentre, destaca-se a Formativa, que objetiva fornecer aos alunos um feedback de seus progressos, considerando avaliações feitas em diferentes momentos e instrumentos. Esta envolve as dimensões afetivas, emocionais, biológicas, simbólicas, éticas, estéticas, dentre outras, que contribuem para a formação humana.



De acordo com as concepções de Cipriano (2007), a avaliação formativa reforça a ideia de que a avaliação, no desenvolvimento global do currículo, é uma ocasião a mais de aprendizagem e não uma interrupção da mesma, tampouco um “prestar contas” mecânico e rotineiro “de” e “sobre” a informação recebida e acumulada previamente.

Já a chamada Avaliação Democrática, oportuniza a todos o conhecimento, utilizando o “erro” como ponto de partida para o replanejamento e a reorientação.

Referenciada de Avaliação Dinâmica, esta baseia-se na crença de que o ser humano é “altamente plástico”, isto é, tem a capacidade, o potencial de modificar-se. Esse olhar é diferente do olhar da escola. Enquanto a escola está preocupada com o nível de funcionamento real, observável do sujeito, a avaliação dinâmica está centrada na possibilidade desse sujeito de aprender, de modificar-se, de aprender a aprender.

Ainda merece destaque a concepção de Avaliação Mediadora, que conforme Hoffmann (2005) refere-se à ação do professor no processo avaliativo. Ela exige do professor um acompanhamento do processo de construção do conhecimento, fazendo-o passar um maior tempo de permanência em sala de aula e atendimento individualizado ao aluno, favorecendo o desenvolvimento do estudante com a oferta de novas e desafiadoras situações de aprendizagem, sugestão de investigações, oportunidade de vivências enriquecedoras, novas leituras ou explicações.

A partir das diversas concepções vistas, é possível confirmar a importância de conhecermos as várias percepções de avaliação, elencando que todas são válidas diante da necessidade de se escolher as melhores formas de avaliação durante o processo ensino-aprendizagem.

Desta forma, diante da constante busca por uma avaliação cada vez mais mediadora, igualitária e democrática na prática educativa, é interessante compreender que no processo de avaliação em sala de aula são consideradas duas importantes vertentes: a da avaliação como processo integrante do planejamento; e a da avaliação enquanto processo isolado.

Estando certos da existência dessas duas vertentes em sala de aula, e concordando com o pensamento de Villas Boas (2002) quando afirmou não se mudar isoladamente a avaliação, mas sim, o trabalho pedagógico do qual a avaliação é decorrente, defendemos que mudanças efetivas em sala de aula quanto a prática de avaliar somente terá êxito a partir da vertente: avaliação como processo integrante do planejamento.



**I Congresso de Inovação
Pedagógica em Arapiraca** | **VII Seminário
de Estágio**

Perspectivas atuais dos profissionais da educação:
desafios e possibilidades

De 18 a 22 de maio de 2015
Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca

Figura 2: Planejamento



Fonte: revistaescola.abril.com.br

De tal modo, ao se planejar o componente curricular faz-se necessário estabelecer como será o processo de avaliação, visto que ao fazer parte do planejamento, a avaliação torna-se um instrumento por meio do qual é possível constatar, analisar e rever o processo ensino-aprendizagem.

Assim sendo, a partir do momento em que o processo de avaliação é incluído no planejamento, professores e alunos podem perceber claramente as formas, os instrumentos e os critérios que serão empregados para verificar o grau de aproveitamento dos alunos em relação às habilidades e conhecimentos da disciplina.



Desta maneira, também deve ser elencada a importância do conhecimento dos diversos instrumentos avaliativos, e o quão são relevantes na busca pelo melhor aproveitamento do conteúdo por parte dos alunos.

Tendo em vista a complexidade do processo de aprender, é fato que não existem instrumentos específicos de avaliação capazes de detectar a totalidade do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. É diante da limitação que cada instrumento de avaliação comporta que se faz necessário pensar em instrumentos diversos e mais adequados com suas finalidades.

Assim, os instrumentos de avaliação de aprendizagem devem ser largamente utilizados ao longo do ano letivo. Além disso, devem permitir ao professor colher informações sobre a capacidade de aprendizado dos alunos, medida, especialmente, pela competência dos mesmos para resolver problemas e instrumentalizar o conhecimento para a tomada de decisões.

Portanto, o professor poderá definir os instrumentos que serão utilizados para melhor acompanhar o processo de aprendizado de seus alunos em relação a sua disciplina.

Entre os diversos instrumentos avaliativos, podemos destacar a prova, o debate, o seminário, o trabalho em grupo e a observação. Esses se apresentam como os mais usuais entre os educadores, atuando diariamente em sua prática educativa.

No quadro a seguir, se apresenta as principais características de cada um desses instrumentos:

Quadro 1 - Alguns Instrumentos Avaliativos

ALGUNS INSTRUMENTOS AVALIATIVOS	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
1. PROVA	<p>Existem vários tipos: individual, coletiva, com consulta, dissertativa, oral, etc., apresentando diferentes procedimentos para suas aplicações.</p> <p>Na prova:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os acertos apontam o grau de aquisições de conhecimentos obtidos; - Os erros indicam as possibilidades de intervenções que precisam ser construídas pelo professor no processo que reorientam suas ações.



I Congresso de Inovação Pedagógica em Arapiraca | **VII Seminário de Estágio**

Perspectivas atuais dos profissionais da educação:
desafios e possibilidades

De 18 a 22 de maio de 2015
Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca

2. DEBATE	<p>Permite situações de interação, troca de ideias, e diálogo coletivo, propiciando ao educando expor sua visão de mundo e concepção sobre o tema ou assunto discutido.</p> <p>A participação exige:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Posicionamento do educando ao expressar suas ideias; -Mudanças de valores; -Estabelecimento de relações dialéticas que contribuem para a construção de novos conceitos.
3. SEMINÁRIO	<p>Contribui para a aprendizagem do ouvinte e do expositor, pois exige pesquisa, planejamento e organização das informações.</p> <p>Permite a reflexão das seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Quais formam os objetivos iniciais do trabalho a ser realizado? -Que avanços forma evidenciados no processo? -Que fontes de informação forma consultadas? -Quais os novos encaminhamentos e intervenções pedagógicas poderão ser feitos a partir deste trabalho?
4. TRABALHO EM GRUPO	<p>Propicia um espaço para compartilhar, confrontar, negociar e construir novos conhecimentos, estimulando os alunos à cooperação. É preciso haver uma dinâmica interna, mediada pelo conhecimento, potencializado por uma situação problematizadora, que leve o grupo a colher informações, explicar suas ideias, saber expressar seus argumentos.</p> <p>É necessário considerar:</p> <ul style="list-style-type: none"> -O tempo de realização; -O nível de envolvimento e de compromisso dos alunos;



	<ul style="list-style-type: none"> -Os tipos de orientações dadas; -As fontes de informação e recursos materiais utilizados.
5. OBSERVAÇÃO	<p>Permite aos educadores conhecer melhor os alunos, analisar seu desempenho nas atividades em sala de aula e compreender seus avanços e dificuldades. Da mesma forma que os educandos poderão tomar consciência dos processos vividos pelo grupo.</p> <p>Instrumento avaliativo que vai exigir do professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Eleger o objeto de investigação (um aluno, um grupo etc); -Elaborar objetivos claros (descobrir dúvidas, avanços etc); -Identificar contextos e momentos específicos (durante a aula, no recreio etc); -Estabelecer formas de registros apropriados (fotos, anotações etc).

Fonte: Zambone, 2010. Adaptado pela autora.

A partir da bagagem teórica e conceitual vistas até então, é possível estabelecer uma reflexão sobre o ensino de Geografia, ou melhor, sobre o processo de avaliação nas aulas de Geografia. Para tal, norteamos-nos pelos seguintes questionamentos: há diferentes maneiras de avaliar em Geografia? Que instrumentos de avaliação se utiliza em Geografia? O que explica a escolha dos instrumentos e dos conteúdos que se avaliam? O que se avalia em Geografia? Que saberes/conteúdos são exigidos nas avaliações de Geografia?

No entanto, ao selecionar que instrumentos irá usar, é importante que o professor tenha conhecimento da sua concepção de avaliação (ou da instituição em que trabalha). É preciso que o professor se pergunte: que dados quero coletar? Para que eu avalio? Para que serve o resultado da avaliação? Pois,



Muitas vezes, os instrumentos revelam que professores e professoras parecem desejar coletar dados sobre um determinado conteúdo, porém, introduzem um conteúdo estranho no meio de uma questão, o que dificulta a compreensão do educando, conduzindo-o, assim, a uma resposta inadequada (Luckesi, 2006, p. 2).

Dessa forma, os professores devem ser coerentes com o que e como foi trabalhado em sala de aula, tanto no conteúdo quanto na metodologia utilizada. É importante também que os instrumentos sejam adequados na linguagem, uma vez que conforme Luckesi (2006, p.20),

[...] na maior parte das vezes, os instrumentos não são elaborados de tal forma que solicitem simples e diretamente aos estudantes o que eles deverão manifestar que tenham aprendido. E, então, muitas vezes (e muitos estudantes são reprovados por isso) o difícil não é o conteúdo aprendido e a ser expresso nos instrumentos, mas sim o difícil é compreender o que é que os professores solicitam aos estudantes.

Além disso, a repetição do instrumento avaliativo em sala de aula pode ser um problema.

Discussões, debates, leituras, aulas expositivas-dialogadas, seminários, prova escritas, trabalhos individuais e em grupo, trabalho de pesquisa, elaboração de sínteses, todos são importantes técnicas e instrumentos de avaliação que devem ser usados nas mais diversas disciplinas, estando a juízo crítico do professor encontrar os instrumentos mais adequados aos conteúdos e critérios de avaliação de sua disciplina.

No caso da Geografia, percebe-se que os professores utilizam de atividades cartográficas, maquete, desenhos/croquis, elaboração de mapas, análise de imagens, todos instrumentos que permitem acompanhar o conhecimento espacial, e são usados particularmente pelos professores de geografia.

O uso de atividades cartográficas, de análise de imagens, confecção ou leitura de mapas como instrumentos de avaliação nas aulas de geografia são capazes de garantir ao aluno o aprendizado de conceitos especiais como a localização dos objetos no espaço, a tomada de consciência do espaço ocupado por seu corpo, o processo que envolve deslocamento, orientação, distâncias e a representação do espaço.

Deve-se salientar que os critérios de avaliação estão vinculados à expectativa de aprendizagem, que decorrem de objetivos que se relacionam com os conteúdos. Os conteúdos,



por sua vez, devem ser efetivamente relevantes dentro da Geografia e “[...] necessários para que cada um possa participar democraticamente da vida social.” (Luckesi, 1986, p. 35). Deste modo, é necessário que se tenha clareza do que, e como se objetiva ensinar com este ou aquele conteúdo, para que se estabeleçam critérios de avaliação pertinentes.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho compreendemos as principais concepções da avaliação e sua importância para a consecução do processo de ensino aprendizagem. Constatamos que através de posturas como diagnóstica, formativa ou somativa, a avaliação assume um extraordinário papel na busca por melhores resultados educacionais.

O ato de avaliar pode ocorrer sob diferentes concepções e que nos espaços educacionais a avaliação deve ser vista como um processo. Além disso, existem diversas maneiras de se avaliar e diversos instrumentos que podem ajudar o educador nessa prática, diariamente, como a prova, o debate, a observação, o seminário ou o trabalho em grupo.

Neste sentido, no caso dos educadores da disciplina de Geografia, percebe-se que os mesmos utilizam de atividades que são particulares desta disciplina, como instrumentos cartográficos, maquete, desenhos/croquis, elaboração de mapas e análise de imagens, o que são capazes de garantir ao aluno o aprendizado de conceitos especiais como a localização dos objetos no espaço, a tomada de consciência do espaço ocupado por seu corpo, o processo que envolve deslocamento, orientação, distâncias e a representação do espaço.

No mais, ao se estudar a avaliação escolar, constatamos a partir dos conceitos e dos sentidos da avaliação, do ato de avaliar, e dos instrumentos avaliativos que a avaliação é muito mais do que um fim, é um processo no qual todos são avaliação, não só o aluno, mas também a própria prática docente.

4 - REFERÊNCIAS

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida**: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina. 3ª. Edição, Curitiba: Ibpex, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.



FURTADO, J. **Avaliação e mudança**: necessidades e resistências. In: AFONSO, A. et al. Avaliação na Educação. Pinhais: Editora Melo, 2007. p. 15-22.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos e contrapontos**. Porto Alegre: Mediação 2005.

_____. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 18 ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. **Avaliação mito & desafio**: uma perspectiva construtiva. 11. ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1984.

LUCKESI, Cipriano. **Que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Disponível em:

<www.artmed.com.br/patioonline/patio.htm?PHPSESSID=47c842e39090dec902020db09b210123>. Acesso em: outubro 2010.

_____. **A Escola Avalia ou Examina?** *Revista abceducatio*. nº 15. 2002.

_____. **Verificação ou Avaliação**: O Que Pratica a Escola? Ideias. São Paulo: FDE, 2000.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PENNA FIRME, T. **Avaliação**: tendências e tendenciosidades, Ensaio: avaliação de políticas públicas em avaliação, 1994, V.1, N° 2, p. 5-12.

REVISTA ESCOLA. Dados sobre planejamento. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/>>. Acesso em: 04. Jul. 2014.

RIOEDUCA. Dados sobre avaliação. Disponível em: <<http://www.rioeduca.net/>>. Acesso em: 04. Jul. 2014.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória**: desafio à teoria e à prática da avaliação e reformulação de currículo. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 1995.

VILLAS BOAS, B.M.F. Construindo a avaliação formativa em uma escola de educação infantil e fundamental. In: VILLAS BOAS, B.M.F. (Org.) **Avaliação: políticas e práticas**. Campinas: Papirus, 2002. p. 131-143.

ZAMBONE, Gisele. O processo de avaliação em geografia. In: **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. 1aed. Curitiba: Secretaria do Estado da Educação, 2010, v. 1.



**I Congresso de Inovação
Pedagógica em Arapiraca** | **VII Seminário
de Estágio**

**Perspectivas atuais dos profissionais da educação:
desafios e possibilidades**

De 18 a 22 de maio de 2015
Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca